

Sermões

Julho - Uma Visita a um Túmulo por Issho Fujita

Quando eu tinha onze anos de idade, foi proposto ao meu pai um emprego que implicava a transferência para a cidade de Osaka, a terceira cidade mais populosa do Japão. Nessa altura, a nossa família vivia na zona provinciana de outra região administrativa, onde o meu pai trabalhava na delegação local de uma grande empresa de construção. Para ele, esta proposta significava uma promoção na carreira. Um dia, ao jantar, apresentou a proposta. Depois de o ouvir, a minha avó paterna, que vivia connosco na altura, disse em voz alta: "Nem pensar! Quem irá cuidar das sepulturas dos nossos antepassados? Nunca sairei daqui, ainda que todos vós se vão embora!"



Ficamos muito surpreendidos pela sua recusa terminante porque era habitualmente muito calma e equilibrada. O meu pai era seu filho único (todos os irmãos e irmãs tinham morrido); não podia deixá-la sozinha e ir para um local tão distante. Assim, não tinha alternativa e teve que desistir da oportunidade especial de ser promovido.

Logo que comecei a escrever sobre "uma visita a um túmulo", esta memória invadiu imediatamente a minha consciência. Embora tenha ocorrido há muito tempo, lembro-me perfeitamente dessa cena. Naquela altura não entendia tão forte insistência da minha avó, mas agora compreendo como, para ela, sendo descendente, era um dever tão importante visitar regularmente o cemitério onde se encontra o túmulo da nossa família.

Ela ia frequentemente ao cemitério - algumas vezes connosco, outras sozinha. Em frente às sepulturas, juntava as mãos e dizia algumas palavras, talvez uma espécie de saudação. Depois, varria o chão com uma vassoura, apanhava o lixo e lavava as sepulturas. Depois de limpar, oferecia flores, incenso, velas, doces e frutos. Deitava água sobre as sepulturas, juntava novamente as mãos, baixava a cabeça e dizia: "Estou aqui, outra vez", "Os dias estão a ficar mais quentes", "Estamos todos bem, não te preocupes", "O meu neto entrou para o liceu", entre outras expressões. Falava como se alguém estivesse em frente a ela.

A definição de sepultura no dicionário é "um monumento em memória de uma pessoa morta", na qual o respectivo ossário foi depositado. Neste contexto, não faz sentido argumentar a existência de mortos no âmbito científico. As pessoas dirigem-se lá para alimentar a memória dos falecidos. Os humanos possuem uma espantosa capacidade para visualizar seres inexistentes aos olhos da nossa mente, confiando nas nossas memórias. Podemos sentir nitidamente a presença dos falecidos e até podemos encetar um diálogo com eles. Desta forma, podemos comunicar com alguém que já tenha falecido.

Tente trazer à sua memória a pessoa mais importante da sua vida que já tenha falecido. Com a máxima intensidade ao seu alcance, recorde os detalhes de uma cena em que tenha interagido com essa pessoa. O que está a acontecer nessa cena? O que sente a esse respeito? Algumas emoções fortes podem percorrer o seu corpo. Ou, através deste exercício, pode ser surpreendido com a descoberta de algo novo acerca dessa pessoas, algo que lhe era anteriormente desconhecido. Neste exercício, não está a falar com um fantasma, mas com uma pessoa que tem estado viva no seu coração.

Um túmulo é uma espécie de ferramenta que torna mais fácil para nós realizarmos este tipo de exercício na nossa mente. Ao realizarmos uma visita ocasional a um túmulo sob o qual descansam os nossos antepassados ou amigos mais próximos, estamos a ligar-nos novamente a essas pessoas importantes das nossas vidas. É muito sério e importante para nós celebrar a morte de alguém e incluir essa pessoa na nossa vida, para podermos viver na plenitude, ligados a quem viveu antes de nós.